



6º Simposio de Ensino de Graduação

OS HERÓIS EM AMOR DE PERDIÇÃO E O PRIMO BASÍLIO

Autor(es)

LUIS GUSTAVO CARBONI

Orientador(es)

JOSIANE MARIA DE SOUZA

1. Introdução

O presente trabalho, que encaixa-se na área dos Estudos Literários (particularmente Literatura Portuguesa), apresenta uma análise comparativa das obras *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, e *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. O foco da comparação é a constituição dos protagonistas masculinos (Simão Botelho e Basílio Brito, respectivamente) nos dois romances, baseando-se nas diferentes visões que eles apresentam do amor.

2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é propor uma análise comparativa dos livros *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, e *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, baseando-se na visão que os autores, pertencentes a diferentes escolas literárias, têm de seus protagonistas masculinos (Simão Botelho e Basílio Brito, respectivamente).

Talvez porque tenham personagens femininas muito bem construídas, principalmente Mariana em *Amor de Perdição* e Juliana em *O Primo Basílio*, pouco se fala dos homens dos dois romances. Nas duas obras, as protagonistas, Teresa e Luísa, são tipicamente românticas, agem por amor e morrem por amor. No entanto, os homens representam bem dois períodos literários distintos: o romantismo (Simão) e o realismo (Basílio).

Enquanto um deles é o típico herói romântico, com juras de amor eterno, o outro finge amor apenas para ter prazer com a prima, revelando um comportamento mais próximo à realidade. Aí surge o interesse em analisar essas duas personagens bem distintas, observando como são constituídos e como influenciam nas histórias.

3. Desenvolvimento

Em *Amor de Perdição*, a figura do herói fica por conta de Simão Botelho. Inicialmente, é descrito como brigão, baderneiro, criador de confusão e irresponsável. Outra característica importante de Simão é a impetuosidade. Essa característica é conhecida como *sturm und drang* - ou tempestade e ímpeto - movimento romântico alemão em que a emoção toma o lugar da razão, que era difundida pelo Iluminismo.

Durante toda a obra, Simão age por impulso e acaba prejudicando ainda mais sua situação com Teresa.

A impetuosidade de Simão torna-se muito importante no desenvolver da história porque se ele tivesse esperado, como lhe foi aconselhado diversas vezes, ao invés de agir, talvez ele não tivesse matado Baltasar e não teria sido condenado à forca.

Quando perdeu o ano letivo na Universidade de Coimbra e voltou à casa dos pais, Simão conheceu sua vizinha, Teresa de Albuquerque, filha do inimigo de seu pai.

Após alguns meses de conversas à janela, Simão torna-se outro: “no espaço de três meses fez-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão” (p. 29). Para o autor, o responsável pela mudança foi o amor que ele sentia por Teresa de Albuquerque. Há aí outra característica romântica: o amor mudando o comportamento das pessoas. Se Simão não amasse Teresa, ainda seria aquele jovem irresponsável.

Toda história romântica gira em torno do amor. Ele transforma as personagens e direciona a forma como devem agir. A transformação de Simão torna claro esse poder que o amor exerce nos romances românticos. Aqui, a paixão e a emoção impulsionam o agir e pensar, e não a razão.

Simão vê, apesar de pouca idade e experiência, que seu destino é amar Teresa. O egocentrismo dele é outro traço do romantismo; para ele, tudo acontece apenas para impedir que os dois fiquem juntos. Mariana e o ferreiro advertem Simão de que os acontecimentos têm outro motivo de serem e nem sempre são de importância a ele, mas mesmo assim Simão é egocêntrico e pensa que tudo gira ao redor de Teresa e dele próprio.

Em outro momento do livro, quando Teresa vai ser transferida para outro convento, ela dá o seguinte recado a Mariana: “diga-lhe que vou de madrugada para o convento de Monchique, do Porto. Que não se aflija, porque eu sou sempre a mesma. Que não venha cá, porque isso seria inútil, e muito perigoso” (p.88). Devido a sua forma de agir passionalmente e sem pensar, Simão faz exatamente o contrário, e acaba condenado à forca. Quando se encontra com Baltasar às portas do convento, Simão declara: “Sempre este primo Baltasar cavando a sua sepultura e a minha!” (p. 89), demonstrando novamente o egocentrismo, além de ser possível observar outra característica romântica, a fatalidade.

Simão acredita, após sofrer por Teresa, que o amor dos dois só se concretizará quando estiverem mortos, no céu. Essa postura sentimentalista idealiza o amor como platônico, impossível de acontecer enquanto estiverem vivos, e possível apenas no plano celestial. Ele torna de conhecimento de Teresa que a união dos dois só se dará no céu através das últimas cartas que os dois trocam. Ela, por sinal, se prepara para encontrá-lo depois da “viagem” e também acredita no amor celestial.

A última característica que observaremos em Simão é a dignidade, importante na construção do herói romântico. No decorrer da história, Simão faz abnegações heróicas. Quando estava hospedado na casa do ferreiro e de Mariana, os dois percebem que Simão estava sem dinheiro (nota-se que o dinheiro é considerado de segunda importância pelos românticos). Como sabiam que ele não aceitaria se lhe oferecessem, pai e filha mentem dizendo que a mãe de Simão havia mandado o dinheiro. Quando mata Baltasar e João da Cruz sugere que ele fuja, Simão recusa a idéia, mostrando novamente seu caráter heróico que o difere de Baltasar.

Já n'O Primo Basílio, o herói é realista. A principal diferença está na escolha da personagem: Basílio, diferentemente de Simão, não é herói porque tem atitudes heróicas e sofre, mas sim porque impulsiona a ação na história. É precioso diferenciar aqui o papel de herói nas diferentes escolas literárias. No realismo, o herói não tem aquele papel idealizado de mocinho, porque, afinal, age-se de acordo com o meio, o momento e a raça, como proposto no Determinismo.

Somos apresentados a Basílio primeiramente através das lembranças de Luísa quando lê no jornal que o primo estará de volta a Portugal: os dois foram criados juntos, namoravam às escondidas na casa dos pais de Luísa e nas fazendas dos amigos da família. Mais tarde, tornam-se noivos. Basílio, que é um pouco mais velho que Luísa, perde seu dinheiro e viaja para o Brasil. Através de uma carta, termina o noivado.

Luísa fica profundamente magoada, como uma boa heroína romântica (é necessário lembrar que embora seja uma obra realista, O Primo Basílio é uma crítica ao romantismo e à sociedade lisboeta na época). A única carta mandada por Basílio durante a separação dos dois é essa, o que já demonstra que seu comportamento é muito diferente do de Simão em Amor de Perdição, que se correspondia com Teresa até na prisão.

Muito tempo depois, Basílio está de viagem pela Europa, fazendo negócios por capitais como Paris, e precisa visitar Portugal novamente. Sua viagem se dá, curiosamente, ao mesmo tempo em que Jorge, o

marido de Luísa, viaja para a região do Alentejo.

Diferentemente do que acontecia no romantismo, aqui o dinheiro é importante. Como quer se aproximar da realidade e descrever o comportamento da sociedade com precisão de detalhes, o autor realista deixa claro a todo o momento que o dinheiro é importante: Basílio e Jorge viajam a trabalho, em busca de mais dinheiro; Juliana faz chantagens a Luísa para conseguir dinheiro; Luísa quase dorme com um banqueiro que gostava dela para conseguir dinheiro. Se o dinheiro não fosse importante, talvez Basílio não tivesse abandonado Luísa durante o noivado ou, mesmo que o fizesse, o adultério não aconteceria quando ele voltasse a Lisboa porque Jorge estaria em casa com a esposa.

Basílio representa através de uma metáfora, no papel de adúltero, uma diversão a mais na vida daquelas mulheres românticas fúteis. Ele era o novo, o desconhecido, o aventureiro. “Que vida interessante a do primo Basílio!” (p. 63), pensava Luísa. Sua vinda trouxe não apenas a antiga paixão a Luísa, mas também a vontade de viajar. Basílio demonstra o papel de bon vivant da sociedade lisboeta, uma característica que não cabia aos heróis românticos, que viviam, ou melhor, sofriam por amor.

Outro traço de Basílio que o diferencia de Simão é a valorização do ser: enquanto o primeiro não aceita a aparência de Julião, amigo de Luísa e Jorge, quando ele a visita, o outro vê o ferreiro João da Cruz e sua filha, que eram pobres, como sua família. A valorização do ser é tipicamente realista.

Se, por acaso, Luísa fosse feia como Juliana, que era chamada de tripa seca pelos vizinhos, talvez Basílio nem a tivesse visitado. O Paraíso, para Basílio, era apenas um quarto comum em que ele poderia se divertir com Luísa. Ele não idealizava o amor, assim como não idealizava um lugar para que ele se concretizasse. O importante era o momento.

Passemos para a concretização do caso de Luísa e Basílio. É fundamental notar que, embora esteja ausente em boa parte da narrativa, Jorge atrapalha o adultério sempre que aparece nos pensamentos de Luísa. Além disso, suas cartas fazem com que ela se lembre da constância que o marido representa. Jorge é a conformidade e o cotidiano para Luísa que, tratando-se de uma heroína romântica, não se contenta com isso e busca, na figura do amante, a aventura.

Jorge apresenta alguns traços românticos, como sua própria visão do amor, do casamento e da família. No entanto, diferentemente de Simão, ele se preocupa com dinheiro. É uma questão pequena, mas importante porque demonstra a mudança naquilo que se conta no realismo: personagens mais mundanos que se comportam de acordo com o determinismo. Jorge precisava de dinheiro, por isso viaja.

Basílio deixa claro em vários momentos da obra que não é um herói romântico nem superficialmente. Ele mente para fazer Luísa acreditar que ele sempre a amou e sempre a amará. Ele não acredita no amor. Após dormir com ela pela primeira vez, fala ao amigo: “como um anjo, menino” (p. 159). Embora não saibamos o que o amigo perguntou ao pé do ouvido de Basílio, subentende-se que foi algo relacionado a Luísa durante o sexo. Um herói romântico nunca comentaria dessa forma se tivesse dormido com sua amada.

Basílio seduz Luísa aos poucos, enchendo-a de promessas de que viajariam juntos e fugiriam para Paris, sempre guiado pela razão e objetivando conquistá-la. Nenhuma promessa, contudo, é cumprida. Apesar de dizer que a amava, ele nunca teve esse sentimento pela prima. Luísa era uma distração para Basílio enquanto ele estivesse em Lisboa. Quando descobre que Luísa havia morrido, comenta: “que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!”, referindo-se à amante que tinha em Paris.

4. Resultado e Discussão

Enquanto o herói romântico, aqui representado por Simão, idealizava seu amor, acreditava que o sofrimento dele era o centro do mundo e morre simplesmente por ser impedido de se unir a sua amada, o herói realista, no papel de Basílio, não acredita no amor, não tem atitudes nobres e vê a mulher apenas como uma distração.

5. Considerações Finais

Ficaram aqui demonstrados como são caracterizados dois heróis de diferentes escolas literárias: de um lado, Simão Botelho, de Amor de Perdição, obra romântica de Camilo Castelo Branco; do outro, Basílio Brito, de O Primo Basílio, da fase realista do autor Eça de Queirós.

É através da análise de obras literárias distintas e pertencentes a períodos literários distintos que podemos traçar como eram as práticas sociais, os costumes, os comportamentos e os ideais de uma época. Observou-se que as duas escolas apresentam visões diferentes de heróis e que, conseqüentemente, têm idéias desiguais do que é a mulher e o amor.

Referências Bibliográficas

BRANCO, C. C. Amor de Perdição. São Paulo. Editora Martin Claret. 1999.

QUEIRÓS, E. O Primo Basílio. São Paulo. Editora Saraiva. 2006.